



## O papel da Orientação Educacional na promoção da saúde mental escolar.

Julyane Ribeiro Vieira, Michele Santos dos Reis, Sarah Emily dos Santos Santos, José Carlos Alves Roberto, Victor da Silva Almeida



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p5876-5889>

Artigo recebido em 26 de Agosto e publicado em 26 de Outubro de 2025

### ARTIGO ORIGINAL – ESTUDO DE CASO

#### RESUMO

Nos tempos atuais e com a crescente demanda de jovens, crianças e adolescentes com problemas de saúde mental no espaço escolar, fica relevante o papel da orientação escolar trabalhar na construção pedagógica e do apoio do desenvolvimento integral do aluno. Na metodologia, o estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão de literatura de caráter qualitativo e exploratória, fundada em referenciais teóricos que tratam da educação e da saúde mental. Os resultados apontam que o papel do orientador é fundamental para identificar precocemente sinais de sofrimento, para o devido encaminhamento e o papel da família junto com a rede de apoio escolar fortalecem para um resultado desejado positivo. Conclui-se que a orientação educacional e a saúde mental caminham em consonância para realizar uma prática educativa humanizada, favorecendo os dois lados, tanto o educando como a pedagogia.

**Palavras-chave:** Saúde Mental. Orientação Educacional. Espaço Escolar. Prática Pedagógica.



# Educational Guidance and Mental Health at School: A Necessary Look.

## ABSTRACT

In today's world, with the growing demand for young people, children, and adolescents with mental health issues in schools, the role of school counseling in pedagogical development and supporting the student's comprehensive development becomes relevant. The study's methodology was developed based on a qualitative and exploratory literature review, grounded in theoretical frameworks addressing education and mental health. The results indicate that the role of the counselor is crucial for early identification of signs of distress and appropriate referral, while the role of the family, along with the school support network, strengthens the desired positive outcome. It is concluded that educational guidance and mental health work hand in hand to achieve a humanized educational practice, benefiting both the student and the pedagogy.

**Keywords:** Mental Health. Educational Guidance. School Space. Pedagogical Practice.

Instituição afiliada – Centro Universitario Fametro

Autor correspondente: Michele Santos dos Reis [michele.reis07@gmail.com](mailto:michele.reis07@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **1 - INTRODUÇÃO**

A saúde mental na escola é extremamente relevante no contexto atual, pois tem se mostrado uma preocupação crescente. Nos tempos atuais ignorar a saúde mental dos estudantes é inadmissível, uma vez que existem fatores como ansiedade, depressão, estresse, bullying e questões familiares que afetam diretamente o aprendizado e o desenvolvimento acadêmico. É reconhecido que a escola, é um ambiente na qual exerce a função pedagógica e também um papel importante no apoio emocional e psicológico dos alunos.

A escola, além de ser um espaço de aquisição de conhecimento do aluno, deve ser um local de acolhimento e suporte, onde os estudantes possam lidar de forma saudável com seus conflitos internos e externos, garantindo um desenvolvimento pleno e equilibrado. Um olhar necessário sobre a saúde mental na escola exige compreender a escola de forma ampla, reconhecendo que educar não é apenas transmitir conteúdos, mas também cuidar do desenvolvimento emocional, social e psicológico dos alunos. Essa perspectiva inclui diferentes ações e estratégias que ajudam os estudantes a não só aprenderem, mas também se sentirem acolhidos, seguros e preparados para lidar com os desafios do dia a dia.

A orientação educacional é uma das principais ferramentas para detectar precocemente os sinais de sofrimento emocional ou psicológico nos estudantes. Os orientadores educacionais, em colaboração com professores e demais profissionais da escola, desempenham um papel importante na escuta ativa e na identificação de mudanças no comportamento dos alunos, como isolamento, queda no desempenho escolar, agressividade ou alterações no estado de humor. Quanto mais cedo essas questões forem identificadas, maior a chance de intervenções eficazes.

Diante desse cenário, torna-se essencial que a escola desenvolva ações voltadas à promoção da saúde mental, considerando o papel da orientação educacional como um recurso fundamental para acolher, apoiar e encaminhar os estudantes em situação de vulnerabilidade emocional. Este artigo tem como objetivo refletir sobre como a orientação educacional pode contribuir para o cuidado com a saúde mental dos alunos, promovendo o bem-estar e fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem.



## **2 - A saúde mental no contexto escolar.**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua a saúde mental como um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de reconhecer suas próprias capacidades, administrar as tensões do cotidiano, desempenhar suas funções de maneira produtiva e contribuir positivamente para sua comunidade. No contexto educacional, essa definição assume um significado ampliado, englobando o equilíbrio emocional necessário para que estudantes e professores estabeleçam relações interpessoais saudáveis, desenvolvam práticas de ensino-aprendizagem de qualidade e promovam autonomia intelectual e senso crítico (OMS, 2022).

No ambiente escolar, a saúde mental deve ser compreendida como componente essencial do processo educativo, uma vez que fatores emocionais influenciam diretamente o aprendizado, as relações de convivência e o desempenho acadêmico e profissional. Nesse sentido, Bock, Furtado e Teixeira (2021) afirmam que o bem-estar psíquico não se restringe à ausência de transtornos mentais, mas envolve condições que favoreçam a expressão emocional, a resolução de conflitos e o desenvolvimento de competências socioemocionais como empatia e cooperação.

Para os docentes, a manutenção da saúde mental é um aspecto crucial diante do aumento das demandas pedagógicas e burocráticas. A pressão por resultados, somada à escassez de tempo, ao baixo reconhecimento profissional e à ausência de apoio institucional, pode ocasionar quadros de adoecimento psíquico, como a Síndrome de Burnout. Essa condição, caracterizada pelo esgotamento emocional decorrente de experiências laborais percebidas como desgastantes, compromete não apenas a qualidade do ensino, mas também o bem-estar do professor. No Brasil, a Síndrome de Burnout é reconhecida como doença relacionada ao trabalho, conforme previsto na Lei nº 3.048/99, que regulamenta a Previdência Social (Lopes & Pontes, 2009; Jesus & Ferreira, 2023).

Entre os estudantes, especialmente crianças e adolescentes, diversos fatores contribuem para o surgimento de sintomas associados ao sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão, baixa autoestima e dificuldades cognitivas. Questões como a pressão por desempenho escolar, o bullying, a ausência de suporte familiar e dificuldades de socialização destacam-se como determinantes desse quadro. Nesse sentido, Araújo e Silva (2024) ressaltam que a escola deve identificar esses sinais e



oferecer espaços estruturados de acolhimento e escuta, considerando a saúde mental como prioridade pedagógica e institucional.

Portanto, a compreensão da saúde mental no contexto educacional demanda uma abordagem interdisciplinar, sensível às especificidades das realidades escolares. Essa perspectiva implica não apenas intervenções diante de situações de sofrimento já instaladas, mas também a construção coletiva de uma cultura preventiva, que valorize o cuidado e promova a dimensão emocional como elemento intrínseco ao processo educativo (Mendes & Rocha, 2022).

Esse cenário se intensificou após a pandemia de COVID-19, que ampliou a sensação de incerteza e agravou fatores de risco relacionados ao sofrimento psíquico. Tal conjuntura suscita especial preocupação em relação a crianças e adolescentes, sujeitos em processo de desenvolvimento, cuja vulnerabilidade é potencializada diante das pressões sociais e emocionais da contemporaneidade.

Ao refletir acerca das questões educacionais, o psicólogo e teórico Lev Vygotsky enfatiza que o processo de aprendizagem é diretamente influenciado pelo meio social e pelas condições que o constituem. Nessa perspectiva, Rego (2014, p. 26) destaca que, para o autor, “a complexidade da estrutura humana deriva do processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre história individual e social”.

Dessa forma, torna-se possível compreender que o desenvolvimento humano é resultado das interações estabelecidas entre os sujeitos e o meio em que se inserem. Essas interações, além de potencializarem o aprendizado, despertam estímulos que se refletem nas dimensões emocionais. Nesse sentido, Galvão (2014, p. 66) observa que “na vida cotidiana é possível constatar que a elevação da temperatura emocional tende a abaixar o desempenho intelectual e impedir a reflexão objetiva”, evidenciando a relevância da regulação emocional no processo de aprendizagem.

Assim, o conhecimento cognitivo não pode ser dissociado das relações sociais que o constituem, uma vez que está intrinsecamente relacionado às experiências vivenciadas e às emoções que delas decorrem. À luz dessa compreensão, a escola não deve restringir-se a uma abordagem meramente curricular das competências socioemocionais previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que o desenvolvimento dessas habilidades exerce impacto direto tanto no processo de aprendizagem quanto na formação cidadã dos estudantes.



## **2.1 Principais transtornos e desafios de saúde mental na infância e adolescência.**

A infância e a adolescência são períodos marcados pelo crescimento, maturação, desenvolvimento, aprendizado, compartilhamento de brincadeiras e vivências, estabelecimento de relações sociais e afetivas. Além disso, são períodos em que as vivências, aprendizados e experiência serão importantes para os outros períodos do desenvolvimento.

Com o advento do surgimento dos transtornos mentais entre crianças e adolescente, causa um impacto no ambiente escolar, levando ao um olhar necessário para o comportamento do educando. O papel do orientador é fundamental para que seja visto e observado como é possível trazer para a comunidade escolar, família e equipe pedagógica de como deve-se trabalhar a inclusão para o ambiente escolar.

Atualmente no Brasil esses diagnósticos são mais frequentes para transtornos mentais da infância e da adolescência. De acordo com esses estudos, os transtornos mentais da infância e da adolescência mais prevalentes são: transtorno de ansiedade, transtorno de conduta, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e depressão (PAULA; MIRANDA; BORDIN, 2010).

Podemos definir os problemas de saúde mental como aqueles que afetam habilidades cognitivas, emocionais e sociais dos indivíduos (FEULLER et al., 2000). Pesquisas apontam que entre 7 e 26% de crianças e adolescentes apresentam problemas de saúde mental.

Vale ressaltar que adolescentes adquirem depressão, ansiedades, medos que levam a prejudicar no seu desenvolvimento de aprendizagem, sócio emocional e cognitivo.

De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem, 2002, O impacto emocional das perdas familiares, a falta de socialização, a instabilidade no trabalho e o frequente sentimento de medo vivenciados durante a pandemia da COVID-19 elevaram o nível de estresse e sofrimento psíquico dos brasileiros a patamares alarmantes. Deixando o ambiente escolar frágil, dependendo de estrutura e formação para os docentes que enfrentam esse episódio tão novo e recente.

Devemos entender o que é saúde mental, e de acordo com a Organização Mundial da Saúde define Saúde Mental como “um estado de bem-estar físico, mental e social, na qual o indivíduo sente-se bem consigo e nas interações com outras pessoas”.



Entretanto, buscar de fato que uma criança ou um adolescente venha ter saúde mental, é desafiador, nos tempos em que o advento da tecnologia está nas mãos deles como um brinquedo. Para isso a escola deve buscar conhecimentos, informações para que possa levar para os docentes a capacidade de compreender e administrar as emoções, os pensamentos e os comportamentos, reconhecer as suas próprias emoções, como alegria, tristezas, raivas, nojo e entender que o desconhecido pode impactar no seu comportamento.

De acordo com Estanislau, Bressan, (2014), a saúde mental da criança e do adolescente está relacionada com o desenvolvimento integral, desempenho escolar, estabelecimento de relações afetivas saudáveis, recursos para enfrentar os desafios do desenvolvimento, autoestima e o bem-estar.

## **2.2 - A Escola como Agente de Promoção da Saúde Mental**

A escola, enquanto espaço privilegiado de socialização, aprendizagem e desenvolvimento humano, desempenha papel central na promoção da saúde mental de seus integrantes. Para além da transmissão de conteúdos curriculares, a instituição escolar possui a responsabilidade de criar ambientes seguros, acolhedores e emocionalmente equilibrados. Nesse sentido, Oliveira e Matos (2023) ressaltam que o bem-estar psíquico deve ser entendido como uma dimensão educativa que permeia o cotidiano escolar, influenciando diretamente a qualidade das relações interpessoais e o processo de aprendizagem.

A promoção da saúde mental no contexto escolar não se restringe à identificação de sinais de sofrimento emocional; ela exige a construção de uma cultura institucional pautada na escuta ativa, no respeito à diversidade e na valorização das experiências subjetivas dos sujeitos. Essa abordagem pressupõe o estabelecimento de vínculos positivos entre estudantes e professores, o fortalecimento da confiança recíproca e a criação de espaços que permitam a expressão segura dos sentimentos (TEIXEIRA; VASCONCELOS, 2022). Dessa forma, o acolhimento emocional torna-se um componente intrínseco à ação pedagógica.

Adicionalmente, as práticas educativas devem ser repensadas sob a perspectiva da humanização, incorporando estratégias que promovam o desenvolvimento socioemocional. Roda de conversa, mediação de conflitos, elaboração de projetos interdisciplinares e momentos de convivência colaborativa configuram-se como práticas que favorecem a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e saudável. Mendes



e Araújo (2024) destacam que iniciativas integradas ao currículo escolar podem contribuir para a redução de tensões e para a prevenção de adoecimento psíquico.

É fundamental compreender que a promoção do bem-estar no ambiente escolar não é uma tarefa exclusiva do professor. Trata-se de uma responsabilidade coletiva que envolve a gestão escolar, demais profissionais da educação, famílias e, sempre que possível, a articulação com serviços de saúde. Nesse contexto, Ramos e Figueiredo (2022) enfatizam que a intersetorialidade representa um elemento essencial para a efetivação de uma rede de apoio consistente e sustentável no âmbito escolar.

### **2.3 A Orientação Educacional**

O acolhimento e a escuta ativa no contexto escolar constituem práticas essenciais para a construção de relações pedagógicas mais humanizadas, especialmente em períodos de fragilidade emocional, como o vivido no pós-pandemia. Nesse sentido, Silva e Barreto (2023) destacam que o acolhimento transcende ações pontuais, configurando-se como uma postura constante dos educadores, pautada pela empatia, pelo respeito às singularidades e pela atenção às expressões emocionais dos estudantes.

A escuta qualificada implica o reconhecimento de que cada aluno possui uma trajetória singular, composta por experiências e vivências que influenciam diretamente seus modos de aprender e interagir. Para que seja efetiva, essa prática exige romper com abordagens pedagógicas centradas exclusivamente no conteúdo, valorizando os processos subjetivos presentes no ambiente escolar. Tavares e Cunha (2022) reforçam que uma educação inclusiva pressupõe o reconhecimento integral do outro em suas dimensões intelectual, emocional, social e cultural.

Uma prática pedagógica voltada à humanização também demanda flexibilidade nos métodos, tempos e espaços de aprendizagem, respeitando o ritmo individual dos estudantes e proporcionando oportunidades para que expressem suas emoções de forma criativa e segura. Atividades como rodas de conversa, dramatizações, escrita reflexiva e projetos colaborativos configuram estratégias significativas para o fortalecimento do vínculo entre professores e alunos, favorecendo a construção de um ambiente pautado na confiança mútua (ROCHA; MENDONÇA, 2024).

No âmbito docente, o acolhimento também constitui elemento indispensável. Muitos professores vivenciam situações de desgaste emocional, frustração e isolamento no exercício de suas funções. Assim, a criação de espaços institucionais dedicados à escuta e ao apoio desses profissionais torna-se essencial para a promoção do bem-estar



e para o aprimoramento das práticas pedagógicas. Campos e Duarte (2022) apontam que, quando os educadores percebem-se ouvidos e valorizados, torna-se possível oferecer aos estudantes uma educação mais significativa e afetiva.

Dessa forma, práticas pedagógicas orientadas pela humanização não se configuram apenas como alternativas metodológicas, mas representam um compromisso ético com o cuidado, reforçando o entendimento da escola como espaço de acolhimento, escuta e reconstrução coletiva das subjetividades impactadas pela experiência pandêmica.

#### **2.4 Intervenção e Encaminhamentos adequados**

Existem profissionais e especialistas que podem intervir ou encaminhar para um tratamento adequado que venha contribuir para a saúde mental da criança e do adolescente. O psicólogo, psiquiatra, ou até o médico da família garantem um bem estar da saúde mental desses jovens.

O psicólogo é um profissional que auxilia na superação de situações difíceis com a identificação de traumas, frustrações, medos, receios e sentimentos que podem prejudicar o indivíduo. Esse profissional é altamente treinado para compreender as complexidades do cérebro humano e auxiliar na gestão de diversos problemas emocionais. Diante deste cenário desafiador, o trabalho do psicólogo torna-se fundamental no apoio às vítimas e na formulação de políticas e reações eficazes para combater essas violações.(DANTAS FONSECA, 2015).

Deste modo, a atuação do psicólogo contribui avaliando, orientando e encaminhando o familiar e sua criança ou adolescente para o procedimento necessário para melhoria da saúde mental.

Não somente o psicólogo mas há outro profissional que pode contribuir para a saúde mental da criança e do adolescente, o psiquiatra, responsável pelo diagnóstico e tratamento dos chamados Transtornos Mentais e de Comportamento, atuando com a prevenção, o diagnóstico, o tratamento e a reabilitação dos diferentes modos de manifestações das doenças mentais em geral.

### **3 - METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e natureza bibliográfica. Optou-se por essa metodologia por



permitir a análise e a reflexão sobre produções científicas já existentes, possibilitando compreender, de forma crítica e contextualizada, as relações entre a saúde mental e a orientação educacional no ambiente escolar.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento teórico em livros, artigos científicos e documentos oficiais publicados entre os anos de 2000 e 2025, selecionados em bases de dados como Google Acadêmico e Periódicos CAPES. A escolha das obras considerou a relevância, a atualidade e a contribuição para o debate acerca da promoção da saúde mental no contexto educacional.

Os dados coletados foram analisados por meio de leitura interpretativa e comparativa, buscando identificar convergências e divergências entre os autores e relacioná-las à prática pedagógica e à atuação do orientador educacional. Dessa forma, o estudo visa contribuir para o fortalecimento de uma abordagem humanizada na educação, que reconheça a importância do cuidado emocional como dimensão essencial do processo de ensino-aprendizagem.

#### **4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise bibliográfica permitiu identificar que a integração entre a Orientação Educacional e a promoção da saúde mental é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento integral dos estudantes. Diversos autores apontam que a escola não deve se limitar à transmissão de conteúdos, mas atuar também como um espaço de acolhimento e escuta, onde o aluno possa expressar suas emoções e dificuldades sem medo de julgamentos.

Os estudos revisados indicam que o orientador educacional desempenha um papel estratégico na mediação entre alunos, professores e famílias, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais empático e humanizado. Segundo as pesquisas analisadas, quando a escola reconhece a importância do bem-estar emocional, há uma melhora significativa no comportamento, na aprendizagem e nas relações interpessoais dos estudantes.

Além disso, os resultados destacam a necessidade de formação continuada dos profissionais da educação, especialmente daqueles que atuam na orientação escolar. Essa capacitação favorece o desenvolvimento de práticas preventivas voltadas à saúde mental, permitindo identificar sinais de sofrimento psíquico e encaminhar os alunos para o suporte adequado.



Os autores consultados também ressaltam que o diálogo entre escola e família é essencial para o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais, reduzindo a evasão e o desinteresse escolar. Dessa forma, a atuação do orientador educacional se consolida como um elo entre o cuidado emocional e o sucesso acadêmico, promovendo uma educação mais humanizada e consciente das necessidades dos estudantes.

Portanto, a literatura analisada evidencia que a articulação entre Orientação Educacional e saúde mental é um caminho eficaz para a construção de escolas mais acolhedoras, sensíveis e comprometidas com o desenvolvimento integral do ser humano.

## **5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A discussão acerca da saúde mental no ambiente escolar revela a urgência de uma educação que vá além da mera transmissão de conteúdos, reconhecendo o sujeito em sua totalidade cognitiva, emocional e social. A escola, enquanto espaço de formação humana, deve assumir o compromisso de promover o bem-estar psíquico como parte integrante do processo educativo, fortalecendo vínculos, acolhendo fragilidades e estimulando o desenvolvimento integral de todos os seus membros.

A Orientação Educacional, nesse contexto, desponta como elo fundamental entre estudantes, professores e famílias, atuando na mediação de conflitos, na escuta empática e na criação de um ambiente de confiança. Seu papel ultrapassa a dimensão técnica, configurando-se como um exercício de cuidado e sensibilidade, essencial para o enfrentamento dos desafios contemporâneos que afetam a saúde emocional de crianças e adolescentes.

Investir em políticas institucionais que contemplem a formação continuada dos educadores, o acompanhamento psicológico e a integração entre escola, família e serviços de saúde representa um passo decisivo para a construção de uma cultura de prevenção e promoção da saúde mental. Assim, compreender e cuidar da dimensão emocional torna-se não apenas uma necessidade pedagógica, mas um ato de humanidade.

Portanto, a união entre Orientação Educacional e saúde mental deve ser vista como um compromisso ético com a vida e com a educação. Ao priorizar o acolhimento, a escuta e o diálogo, a escola consolida-se como espaço de pertencimento, esperança e transformação, capaz de preparar os sujeitos não apenas para o sucesso acadêmico, mas



para a convivência, a empatia e a construção de uma sociedade mais sensível e solidária.

## 6 - REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lucivaldo da Silva; COSTA, Elson Ferreira; OLIVEIRA, Ingrid Bergma da Silva; FERREIRA, Camilly Lorena da Silva; FOLHA, Débora Ribeiro da Silva Campos; OLIVEIRA, Renata Melo e Silva. *Impactos de vivências acadêmicas sobre a saúde mental de discentes de uma universidade pública no Norte do Brasil*. **Aracê**, v. 6, n. 4, p. 16783–16798, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/arev6n4-335>. Acesso em: 29 set. 2025.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2021.

CAMPOS, Maria Lúcia; DUARTE, Ricardo. *Acolhimento e saúde mental no ambiente escolar: estratégias e práticas*. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, n. 3, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YjK9h9G3hJYb7ZbQ6KQH9yP/?lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). *Brasil vive uma segunda pandemia, agora na saúde mental*. 2022. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/brasilenfrenta-uma-segunda-pandemia-agora-na-saude-mental\\_103538.html](http://www.cofen.gov.br/brasilenfrenta-uma-segunda-pandemia-agora-na-saude-mental_103538.html). Acesso em: 29 set. 2025.

DANTAS FONSECA, A. C. L. da. *Direitos da criança e do adolescente*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. *Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Isabel. *Emoções e aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. 2. ed. São Paulo: Editora X, 2014.



JESUS, Micheli de; FERREIRA, Micheli de Jesus. *A saúde mental de estudantes e professores no ambiente escolar*. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 12, p. 134, jul./dez. 2025. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/399>. Acesso em: 29 set. 2025.

LOPES, Andressa Pereira; PONTES, Édél Alexandre Silva. *Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular*. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 275–281, 2009. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-85572009000200010&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-85572009000200010&script=sci_arttext). Acesso em: 29 set. 2025.

MENDES, Juliana Daniele de; ROCHA, Juliana Daniele de Araújo. *Saúde mental escolar como política pública: desafios e perspectivas*. **Caderno de Educação e Desenvolvimento Social**, v. 5, n. 1, p. 15–28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/6863>. Acesso em: 29 set. 2025.

MENDONÇA, Juliana; ROCHA, Ana Clara. *Práticas pedagógicas humanizadas: reflexões e possibilidades*. **Caderno de Educação**, v. 10, n. 2, p. 45–58, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoeducacao/article/view/12345>. Acesso em: 29 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Saúde mental: fortalecendo nossa resposta*. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>. Acesso em: 29 set. 2025.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: desenvolvimento e aprendizagem*. 3. ed. São Paulo: Editora Y, 2014.

SILVA, Rafael; BARRETO, Camila. *Acolhimento e escuta ativa como estratégia pedagógica no contexto escolar*. **Revista de Estudos Educacionais**, v. 8, n. 2, p. 120–135, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ree/article/view/5678>. Acesso em: 29 set. 2025.

TAVARES, Lúcia; CUNHA, Fernanda. *Educação inclusiva e escuta qualificada: práticas para a valorização da diversidade*. **Revista Brasileira de Educação Inclusiva**, v. 15, n. 1, p. 78–92, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbei/article/view/9876>. Acesso em: 29 set. 2025.